

VIAGENS

O BRASIL

(CONCLUSÃO)

Os pormenores que precedem levam-nos naturalmente a fallar da população da cidade, que é muíssimo mesclada.

Os elementos francez e inglez são representados em proporção notavel, e compõem em grande parte a zona dos negocios. Seguem-se os propriamente brasileiros, descendentes directos dos antigos senhores do sólo. Estes entregam-se de preferencia ás profissões liberaes, occupam cargos no functionalismo, no exercito ou na magistratura. O nivel intellectual é excessivamente elevado, e os funcionarios, os officiaes, specialmente da marinha, são individuos de merito incontestavel e serias capacidades.

A par desses elementos perfeitamente distinctos, umpre citar uma mescla de diferentes nações, cujos representantes formam o grupo dos trabalhadores mercenarios, dos pequenos negociantes: neste grupo predominam os portuguezes.

O chefe do governo, o imperador D. Pedro, dá o primeiro exemplo. Sobre ser um soberano esclarecido, isto, caminhando com todas as suas forças a par do progresso, quer ainda pôr-se pelos seus conhecimentos e pelos seus trabalhos ao nivel das mais nobres e elevadas intelligencias, e muitas sociedades liberais honram-se de o contar no numero dos seus mais eruditos membros.

Finalmente, para concluir, resta fallar dos escravos da questão da escravidão.

Para quem não estudou esta questão no seu verdadeiro ponto de vista, a existencia da escravidão no Brasil, no momento actual, parece constituir um foridavel contrasenso.

Como! n'um paiz cujo soberano é universalmente conhecido pelas suas idéas grandes, largas, generosas; um paiz em que as instituições governamentais em um exercicio capaz de rivalisar com o que se vê nas nações mais adiantadas da Europa, ainda ha escravos em pleno seculo dezenove?

Apezar de todas as apparencias, a situação actual é uma necessidade que se impõe ao paiz. A immensa extensão do imperio, a importancia enorme das plantações que ali se encontram, plantações que constituem toda a sua riqueza, necessitam o emprego de uma multidão de braços. Daí de uma só vez a liberdade a todos os escravos e eu affirmo que o Brasil é um paiz arruinado, porque supprimis ao mesmo tempo os trabalhadores. Sendo o negro preguiçoso e indolente, é evidente que, libertando-o, será necessario, para o substituir, recorrer a estrangeiros mercenarios, que nunca se poderão achar em numero sufficiente: dahi, falta de braços e falta de cultura.

Não esqueçamos além disso que, em certas fazendas, o numero de escravos se eleva a centenas e até milhares. Cada um delles representa para o proprietario certa somma que recebeu de herança ou que pagou a um negociante de escravos. Seria soberanamente injusto descarregar este golpe na sua posição e nos seus direitos, tirando-lhe esses negros que constituem algumas vezes a melhor parte da sua fortuna.

Foi isto que comprehendem D. Pedro e os seus conselheiros; por isso estabeleceram leis sobre a escravidão de modo que insensivelmente se vá extinguindo sem prejudicar os interesses dos grandes proprietarios, e tornando ao mesmo tempo mais supportavel a existencia dos infelizes negros.

Deste modo resolveram, para honra sua, a difficil questão que consistia em salvaguardar a um tempo os interesses do paiz e as leis da humanidade.

A lei da emancipação do elemento servil foi promulgada ha cerca de dez annos, durante a viagem de D. Pedro á Europa. Julgo que o vi na estação de Verviers em 1871 ou 72. Segundo a lei, não se podem mais importar escravos. Os que já existiam continuam escravos, mas recebem certa retribuição⁽⁵⁾. Além disso, os seus filhos nascem livres e ficam até a maioridade, mediante modica retribuição, ao serviço do senhor de seus paes. Quando attingem a maioridade, podem retirar-se ou ficar como trabalhadores livres; e no primeiro caso o senhor recebe certa somma como indemnização.

Durante a minha estada no Brasil, foi-me dado assistir a uma cerimonia bem commovedora: a chegada ao porto⁽⁶⁾ do corpo do fallecido D. Manuel

Luiz Osorio, marquez do Herval, marechal e grande do imperio. Osorio representára no Brasil quasi o mesmo papel que o nosso general Renard na Belgica. Tendo sentado praça como simples soldado em 1823, na epocha em que o Brasil proclamava a independencia, não deixou desde então de se distinguir por uma bravura a toda a prova, assim como por notaveis talentos militares. A Osorio cabe o maior quinhão nas victorias que alcançou o exercito brasileiro na lucta que travou o Brasil contra a Republica Argentina. Mais tarde, na famosa campanha do Paraguay, a fama de Osorio attingiu proporções lendarias. Foi colmado de honras e chamado para exercer as mais elevadas posições. Era o idolo do povo que o chamava victorioso: *Invicto Osorio*.

Depois que a morte o victimou em avançada idade⁽⁷⁾, seu corpo, embalsamado por ordem expressa de S. M. o Imperador⁽⁸⁾, foi transportado á capital do imperio para ali receber as derradeiras homenagens. Esse triste acontecimento tomou as proporções de uma calamidade publica. Todos os navios de guerra surtos no porto pozeram as bandeiras a meio pau, e a sua artilharia, que era correspondida pela das fortalezas, não deixou todo o dia de salvar. O corpo do general, revestido com as suas medalhas e condecorações, esteve exposto em capella ardente no arsenal de guerra: todo o exercito tomou lucto. Nesse dia, por uma especie de convenção tacita, todos os vestuarios vistosos cederam lugar ás roupas de côr escura.

Durante oito dias consecutivos, as sociedades civis e militares fizeram celebrar, em todas as egrejas da capital, ceremonias funebres pelo descanso de sua alma.

Era verdadeiramente um bello espectáculo, e o Brasil pôde orgulhar-se, não só de ter dado o berço a um homem do valor de Osorio, como da espontaneidade com que enviaram de todos os recantos do paiz testemunhos de sympathia e reconhecimento a esse grande cidadão.

Infelizmente não pude assistir aos funeraes, porque, tendo terminado o nosso navio nesse dia o seu carregamento levantámos ferro com destino a Balmore.

E' bem a pesar meu que o acompanho, e digo ao Brasil não adeus, mas até breve.

DR CH. CORBIER.

LITTERATURA

O ALIENISTA

II

TORRENTE DE LOUCOS.

Tres dias depois, n'uma expansão intima com o boticario Crispim Soares, desvendou o alienista o mysterio do seu coração.

— A cavidade, Sr. Soares, entra de certo no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das cousas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos Corinthios: « Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada. » O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos grãos, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do phenomeno e o remedio universal. Este é o mysterio do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço á humanidade.

— Um excellente serviço, corrigiu o boticario.

— Sem este asylo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; elle dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.

— Muito maior, accrescentou o outro.

E tinham razão. De todas as villas e arraiaes visinhos affluíam loucos á Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a familia dos desherdados do espirito. Ao cabo de quatro mezes, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubiculos; mandou-se annexar uma galeria de mais trinte e sete. O padre Lopes confessou que não imaginára a existencia de tantos doudos no mundo, e menos ainda o inexplicavel de alguns casos. Um, por exemplo, um homem rude e villão, que todos os dias, depois do almoço,

fazia regularmente um discurso academico, ornado de tropos, de antitheses, de apostrophes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cicero, Apuleo e Tertuliano. O vigario não queria acabar de crer. Que! um homem que elle vira, tres mezes antes, tocando uma tropa de mulas!

— Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendissima está vendo. Isto é todos os dias.

— Quanto a mim, tornou o vigario, só se pôde explicar pela confusão das linguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escripura; provavelmente, confundidas antigamente as linguas, é facil trocal-as agora, desde que a razão não trabalhe...

— Essa pôde ser, com effeito, a explicação divina do phenomeno, concordou o alienista, depois de reflectir um instante, mas não é impossivel que haja tambem alguma razão humana, e puramente scientifica, e disso trato...

— Vá que seja, e fico ancioso. Realmente!

Os loucos por amor eram tres ou quatro, mas só dous espantavam pelo curioso do delirio. O primeiro, um Falcão, rapaz de vinte e cinco annos, suppunha-se estrella d'alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha sabido para elle recolher-se. O outro andava sempre, sempre, sempre, á roda das salas ou do pateo, ao longo dos corredores, á procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e sahiu-lhes no encalço; achou-os duas horas depois, ao pé de uma lagoa, matou-os a ambos com os maiores requintes de crueldade. O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquella ancia de ir ao fim do mundo á cata dos fugitivos.

A mania das grandezas tinha exemplares notaveis. O mais notavel era um pobre diabo, filho de um albigibebe, que narrava ás paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

— Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou David, David engendrou a purpura, a purpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquez, o marquez engendrou o conde, que sou eu.

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

— Deus engendrou um ovo, o ovo, etc.

Outro da mesma especie era um escrivão, que se vendia por mordomo do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente, dava trezentas cabeças a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não fallo dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e promettia o reino dos céos a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros; e depois desse, o licenciado Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrellas se despeariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus. Assim o escrevia elle no papel que o alienista lhe mandava dar, menos por caridade do que por interesse scientifico.

Que, na verdade, a paciencia do alienista era ainda mais extraordinaria do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; nada menos que assombrosa. Sinão Bacamarte começou por organizar um pessoal de administração; e, aceitando essa idéa ao boticario Crispim Soares, aceitou-lhe tambem dous sobrinhos, a quem incumbiu da execução de um regimento que lhes deu, approvado pela camara, da distribuição da comida e da roupa, e assim tambem da escripta, etc. Era o melhor que podia fazer, para sómente cuidar do seu officio.—A Casa Verde, disse elle ao vigario, é agora uma especie de mundo, em que ha o governo temporal e o governo *espiritual*. E o padre Lopes ria deste pio trocado.— e accrescentava,— com o unico fim de dizer tambem uma chalaça:— Deixe estar, deixe estar, que hei de mandal-o denunciar ao papa.

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-as primeiramente em duas classes principaes: os furiosos e os mansos; dahi passou ás sub-classes, monomanias, delirios, allucinações diversas. Isto feito, começou um estudo aturado e continuo; analysava os habitos de cada louco, as horas de accesso, as aversões, as sympathias, as palavras, os gestos, as tendencias; inquiria da vida

(7) Osorio falleceu com 71 annos.

(8) Ao que nos parece, Osorio foi embalsamado por determinação de sua familia.

(5) O A. não tinha bem presente a lei de 28 de setembro.

(6) Erro: Osorio falleceu no Rio de Janeiro.

dos enfermos, profissão, costumes, circumstancias da revelação morbida, accidentes da infancia e da mocidade, doenças de outra especie, antecedentes na familia, uma devassa, emfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um phenomeno extraordinario. Ao mesmo tempo estudava o melhor regimen, as substancias medicamentosas, os meios curativos e os meios palliativos, não só os que vinham nos seus amados arabes, como os que elle mesmo descobria, á força de sagacidade e paciencia. Ora, todo esse trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista.

III

DEUS SABE O QUE FAZ!

A illustre dama, no fim de dous mezes, achou-se a mais desgraçada das mulheres; cahiu em profunda melancholia, ficou amarella, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nelle o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tritamente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viuva como d'antes. E accrescentou:

— Quem diria nunca que meia duzia de lunáticos não acabou a phrase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao tecto,— os olhos, que eram a sua feição mais insinuante,— negros, grandes, lavados de uma luz humida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as chronicas se D. Evarista brandiu aquella arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a sciencia, ou, pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjectura é verosimil. Em todo caso, o alienista não lhe attribuiu outra intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veiu quebrar a superficie da fronte quieta como a agua de Botafogo. Talvez um sorriso lhe descerrou os labios, por entre os quaes filtrou esta palavra macia como o oleo do *Cantico*:

— Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro. Nunca dos nuncas vira o Rio de Janeiro, que posto não fosse sequer uma pallida sombra do que hoje é, todavia era alguma cousa mais do que Itaguahy. Ver o Rio de Janeiro, para ella, equivalia ao sonho do hebreu captivo. Agora, principalmente, que o marido assentára de vez naquella povoação interior, agora é que ella perdera as ultimas esperanças de respirar os ares da nossa boa cidade; e justamente agora é que elle a convidava a realisar os seus desejos de menina e moça. D. Evarista não pôde dissimular o gosto de semelhante proposta. Simão Bacamarte pegou-lhe na mão e sorriu,— um sorriso tanto ou quanto philosophico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento: — « Não ha remedio certo para as dôres da alma; esta senhora define, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se. » E porque era homem estudioso tomou nota da observação. Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido, que, se elle não ia, ella não iria tambem, porque não havia de metter-se sózinha pelas estradas.

— Irá com sua tia, redarguiu o alienista. Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo; mas não quizera pedil-o nem insinual-o, em primeiro lugar porque seria impôr grandes despezas ao marido, em segundo lugar porque era melhor, mais methodico e racional que a proposta viesse — Oh! mas o dinheiro que será preciso gastar! suspirou D. Evarista sem convicção.

— Que importa? Temos ganho muito, disse o marido. Ainda hontem o escripturario prestou-me contas. Queres ver?

E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via-lactea de algarismos. E depois levou-a ás arcas, onde estava o dinheiro. Deus! eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulencia. Eu-

quanto ella comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais perfida das allusões.

— Quem diria que meia duzia de lunáticos...

D. Evarista comprehendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:

— Deus sabe o que faz!

Tres mezes depois effectuava-se a jornada. D. Evarista, a tia, a mulher do boticario, um sobrinho deste, um padre que o alienista conhecera em Lisboa, e que de aventura achava-se em Itaguahy, cinco ou seis pagens, quatro mucamas, tal foi a comitiva que a população viu dalli sahir em certa manhã do mez de maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Comquanto as lagrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalal-o. Homem de sciencia, e só de sciencia, nada o consternava fóra da sciencia; e se alguma cousa o preocupava naquella occasião, se elle deixava correr pela multidão um olhar inquieto e poliecial, não era outra cousa mais do que a idéa de que algum demente podia achar-se alli misturado com a gente de juizo.

— Adeus! soluçaram emfim as damas e o boticario.

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar à casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horisonte adiante, deixando ao cavallo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do genio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lagrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua.)

VARIEDADE

DE PATO A GANÇO

Paris é talvez a unica cidade do mundo em que se poderia ter passado a historietta, que vou contar.

Em 1867 Julia R*** dava, havia dous annos, lições de desenho.

A sua familia, arruinada da noite para dia por esses audaciosos roubos de milhões, que causaram tanta vergonha e tantas lagrimas arrancaram, não tinha mais que esse sustentaculo.

Julia era encantadora; teria no maximo vinte e dous annos: estava em plena mocidade.

Os seus traços eram graciosos e finos; o talhe elegante e esbelto; os cabellos louros, eurtos, naturalmente ondeados davam-lhe esse cunho artistico, que tão invejado é das moças.

Julia adorava a sua arte; julgava-se um genio latente, prestes a revelar-se á primeira scentelha que lhe communicasse a natureza.

Qual é o pintor moço que não sonha possuir uma aureola na fronte?

Infelizmente, em vez de trabalhar para a sua gloria, em vez de desenvolver as faculdades brilhantes com que a dotara a natureza, por meio de sérios estudos, era-lhe preciso ir todos os dias, desde pela manhã até á noute, dar as lições mais fastidiosas, não tendo sequer, como o operario, o repouso do domingo.

Em geral, os filhos dos ricos julgam fazer um favor insigne aos seus professores, quando se dignam applicar ao estudo; pensam que nada têm a aprender; e isto porque vêm muitas vezes a triste applicação desta falsa maxima:

« O dinheiro suppre tudo. »

Um delles rapazelho de oito annos, dizia-me um dia:

— O senhor fulano é um ignorante. Ouço repetir que é estúpido e fastidioso; que entretanto recebem-n'o como a um principe. E' bom ser millionario, não é? O meu professor falla cinco linguas; é um sabio que escreve livros, e apenas o complimentam. A sciencia não é tão util como diz papae.

Perdoae-me esta digressão, caros leitores; voltemos ao nosso conto.

Julia era corajosa, cousa muito natural quando em casa falta o pão; afrontava a chuva, o frio, o calor, como um voluntario republicano em 1792, pedindo apenas maior numero de discipulos. A sua

maior distracção estava nas longas caminhadas, no trem de ferro, no *omnibus* principalmente.

Isolada no meio da multidão ou dos desconhecidos sentados a seu lado, podia pensar, sonhar, ler ou entreter-se com as mil e uma aventuras que abreviam o tempo e que lhe faziam esquecer as tristezas do lar, onde, como diversão aos seus dias trabalhosos, achava todas as noites fronte abatidas e corações desesperançados. Sua mãe por mais esforços que fizesse não podia dissimular as suas angustias.

Para aquelles que perdem a fortuna, a vida se torna quasi sempre uma odyssea em que a lembrança do passado, semelhante a um tufão tempestuoso enche a alma de temores, tormentos e negros presentimentos.

No terceiro anno, em Novembro, Julia notou um rapaz pallido, magro, distincto e triste, uma figura de romance, como as que viajam de continuo na imaginação das reparigas, que partia ás mesmas horas que ella da estação dos *omnibus*.

Desde logo a artista sente viva sympathia pelo melancolico desconhecido, observava-o, e percebe que é por seu turno objecto de mil attenções delicadas.

As mulheres são justamente tidas como dotadas de uma finura extraordinaria; observam com arte uma grande quantia de cousas microscopicas, zoophytos de ordem moral, que se tornam ilhas, onde algumas vezes alevantam o edificio da sua felicidade.

Eis o que a impressionara desde o começo.

O desconhecido chegava primeiro, deixava partir muitos *omnibus* com os olhos fixos na rua em que ella morava.

Logo que Julia subia para o *omnibus*, o desconhecido tomava o lugar que lhe ficasse mais proximo; nunca lhe dirigia a palavra, mas si lhe parecia que a moça tinha frio, fechava logo as janellas.

Passava-lhe os trinta centimos com uma respeitosa saudação.

— Obrigada, senhor, dizia a doce voz de Julia.

E lá se punha o *omnibus* a andar, e cada um com um livro ou um jornal, e ambos se olhavam ás furtadellas para... ler com mais attenção.

Quando um personagem ridiculo incommodava ou divertia os passageiros, trocavam um sorriso.

Quando Julia apeava primeiro, o desconhecido seguia-a com o olhar, e quasi todas as noites o via passar debaixo de suas janellas, examinando-lhe com um ar interrogador a casa. Cumpre dizer que elle julgava não ser visto, e nunca affeição mais platónica respirou sob o céu parisiense.

Duro'n isso um inverno inteiro... Julia, a rir, fallava n'este incidente ás amigas, sem lhes confiar entretanto as commoções deliciosas que sentia.

Todas as manhans, quando se vestia, dizia sorrindo:

— Vou ver o meu desconhecido.

Mais de uma vez esta idéa obrigava-a a principiar de novo o penteado, pôr mais um laço ou mudar uma parte do vestuario, e não affirmo que, quando guiava a mão dos seus discipulos, a imagem da manhan não lhe apparecesse no azul do horisonte, e que algum dos seus traços não fosse, sem querer, reproduzido pelo lapis agil.

Entretanto graves inquietações, logo em dezembro, entristeceram-lhe o lar domestico.

O dinheiro, esse poderoso movel das alegrias, ou das obras da nossa vida civilisada, faltára-lhe totalmente.

Alguns discipulos ricos haviam-se esquecido de pagar-lhe.

Reclamar? Julia preferia todas as privações a esse extremo. E as discipulas, na sua descuidosa felicidade, não presentiam a miseria da pintora, que chegava até a soffrer fome durante longos e longos dias.

Para distrahir-se, dizia consigo:

— O meu desconhecido é talvez um artista, como eu, ou um empregado destinado a uma honrosa carreira. A sua distincção faz suspeitar que pertence a uma boa familia. Si me vier a amar, casa comigo, e então, ao abrigo da necessidade, deixarei esta vida nomade, incerta, cheia de fadiga...

Emquanto a esperanza adoçava assim a realidade, a mãe cae doente, e novas despezas absorvem-lhe o dinheiro do aluguel da casa... Nesta extremidade, só lhe resta um recurso para ter dinheiro sem humilhar os seus: — o Monte de Piedade,— que se poderia chamar a montanha da miseria.

Tomada esta grande resolução, Julia veste-se de



A PESCARIA

preto, e com um espesso véo no rosto dirige-se n'uma tarde sombria ao Monte de Piedade.

O seu coração bate com violencia ao entrar nessa sala que tem visto tantas angustias e tantas frentes purpureadas pela vergonha.

Pobre Julia! prefere consummar por si mesma o sacrificio a confiar a outrem a sua miseria; a miseria, uma lepra moral, que cumpre occultar com cuidado...

Quando lhe gritavam pelo numero, Julia apresenta tremendo, como si tivesse roubado, o seu relógio e as suas joias, dá um nome supposto, porque lhe parece que nesse oceano humano de Paris todos a conhecem a ella, humilde e pequenina gotta d'agua.

Assigna de um modo illegivel e affasta-se vivamente, perturbada, como si acabasse de commetter pela primeira vez uma acção má.

As lagrimas contidas abafam-n'a.

No dia seguinte, a appareição do desconhecido apaga um pouco a amargura da vespera.

Falla-lhe pela primeira vez.

E' um rapaz illustrado, que se exprime com elegancia.

Que bom marido não está alli! Esta reflexão é interrompida por uma boa mulher, que de repente lhe dirige esta pergunta:

— Póde fazer-me o favor, minha senhora, de dizer que horas são?

Julia córa...

— Não sei... O meu relógio está no relojoeiro...

O desconhecido leva instinctivamente a mão ao bolso...

Está vasio.

— O meu tambem, diz elle.

Parece á professora que o professor fica mais pallido.

O seu relógio faz-lhe grande falta. N'uma casa demora-se de mais; n'outra muito pouco, caminhando ao acaso, conforme se adiantam ou atrasam os relógios que se vê pelo caminho.

E principiam as creanças a perguntar-lhe:

— Que fim levou o seu relógio?

— Mandei concertar.

— Si o relojoeiro levar muito tempo, é preciso comprar outro.

São decorridos seis mezes depois da sua visita ao Monte de Piedade; voltou a primavera; Julia, costumada a vestir-se com decencia, quer vê si renova o seu modesto traje.

Gosta dos vestidos limpinhos, como o passaro ama as arvores verdes, como a flor ama o sol.

Passar sem lenha ou comer pão secco é-lhe muito menos duro que usar um chapéo esbeçado ou botinas já gastas.

E, de mais, a sociedade não prodigalisa todos os seus favores ás apparencias, e não concede muitas vezes á toleima adornada o lugar devido ao merito, que a pobreza paralysa quasi sempre?

O desconhecido parece tambem ter comprehendido esta triste verdade com os dias alegres vestiu roupa nova, e ha até certo apuro na sua nova elegancia; sorri mais a miudo, as conversas tornam-se mais frequentes e a sua intimidade respeitosa augmenta de dia para dia.

Duas novas discipulas vêm augmentar os vencimentos de Julia, e as antigas lembram-se que lhe não pagam ha muito tempo.

Que alegria profunda não é a sua ao receber essas pequenas sommas accumuladas e tão nobremente adquiridas!

E tambem lembrou-se do relógio...

— Ah! respirou, é preciso ir buscá-lo.

Esta idéa produziu-lhe duas noites de insomnia. Finalmente, arma-se de toda a coragem, faz com que se allem todas as murmurações do orgulho, e volta a a esse Monte de Piedade, onde tantos outros vieram e iam ainda conjurar a pobreza, ou augmental-a.

Assenta-se nos compridos bancos de espera, na attitude de um culpado arrependido, sem se atrever a levantar o olhos, julgando-se o ponto de mira de todos os olhares.

Como o tempo lhe parece longo...

Finalmente são chamados os numeros 125 e 126; um individuo segue-a e pára diante do mesmo postigo.

Para reconhecer as suas joias, Julia ergueu o véo:

Uma exclamação obriga-a a abaixá-lo de novo.

O' desespero! ó humilhação!

No seu visinho, o n. 126, reconhece o seu adorador do omnibus, o seu desconhecido, que tambem vem resgatar o seu relógio.

Não se pode descrever a admiração dos dous.

O destino tem dessas perfidias inesperadas, que mudou o oasis desejado em deserto nas solidões infinitas.

Foi um golpe terrivel esse para a sua mutua sympathia.

Em vez de acharem nessa confraternidade de infortunio o cimento necessario para contrahirem uma estreita alliança, a poesia e a illusão vóa-lhes como a andorinha nos primeiros annuncios de inverno.

A pobreza é tambem o inverno do coração...

Não se tornaram a vêr nos dias seguintes; evitam-se; não se encontram mais!

Eram talvez dous corações para se unirem; para fazerem, juntos e contentes, o trajecto da vida! mas a miseria cavou entre elles um abysmo.

NELLY HAGER.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 31 de Outubro de 1881.

O verão approxima-se. Já o sinto que se annuncia.

Não na figura feliz corôada de louras espigas, como tão praticamente o representavam os antigos; mas triste e melancolico nos claros que se vão sentindo nas fileiras das bellas bellas mundanas que são o encanto das festas fluminenses.

A deserção começa. Brevemente o Rio de Janeiro estará tristemente vasio.

Como as andorinhas, as nossas elegantes vão partir em busca de melhor clima.

E' ainda bem cedo entretanto.

Olhando bem o thermometro, a temperatura nada tem de muito aterradora, ainda tem doçuras que não afugentam; o ar ainda é fresco e confortante, as brisas ainda são suaves e a Sra. Borghi Mano ainda tem notas apaixonadamente vibrantes.

A vida fluminense podia ainda continuar bella e attraente.

Mas que importa a temperatura?

São as mulheres que fazem as estações.

As mulheres e as cigarras, estas apparecendo e aquellas desaparecendo, fazem o verão. Estas mudanças começam a desaparecer, e as primeiras cigarras já entoam o seu hymno monotonico, precursor dos longos dias, quentes, e das noites estuantes, sem espectaculos.

Petropolis, Theresopolis, Friburgo vão dividir-se o mundo elegante com os banhos de mar que trazem e somno cedo e as noites sem alegria.

Outros tempos, outras modas e outros ares.

Já na segunda série das representações que nos deu o Sr. Ferrari se começam a sentir estes máus effeitos.

Apezar de apimentado com o *Guarany*, o supplemento lyrico foi triste e desenchabido.

Os artistas tiveram rebaixamentos de voz; e a sala do Pedro-Segundo já não era a mesma das bellas noites passadas; já não tinha as mesmas scintillações magneticas.

Se não havia vasante, apresentava uma physionomia nova, mais pittoresca, mais variada talvez; mas que não delectava tanto quanto o aspecto fulgurantemente animado das salas primitivas. Havia em certos camarotes como que a melancholia das villas abandonadas pelas suas fadas, a nostalgia da graça e da elegancia das suas bellas proprietarias.

Um triste *post-scriptum*, esta segunda série!

Ainda na ultima representação dos *Huguenotes*, uns huguenotes rebeldes que não acudiam nem ao dobre dos sinos nem á batuta do Sr. Bassi, eu lamentava o rebaixamento de voz do Sr. Castelmary, o máu humor do Sr. Tamagno, as indecisões da Sra. Dalti, e nem ao menos podia consolar-me de tantas tristeza admirando a sala.

Entretanto como seria facil a consolação, se em vez dos camarotes vasio, ou dos occupados por inquilinos, lá estivesse a joven e suave Sra. E. R..., com a sua tez morena que toma á luz do gaz o brilho seductor d'um marmore de Paros, illuminado pelo sol da Grecia, destacando-se do seu corpinho de setim branco como uma estrella da nuvem. Mas não estava.

Nem ella nem tantas outras cansadas talvez de tanto brilhar.

Está terminada a estação lyrica.

As regatas, as corridas foram-se. Resta ainda o ultimo baile do Cassino que não virá senão a tempo de não achar mais ninguem no Rio de Janeiro.

As fluminenses devem estar fartas de elogios, asphyxiadas de incenso.

Para commemorar a inauguração das aulas que o Lyceu de Artes e officios, os Srs. Guilherme Bellegarde, Velho da Silva Junior e Felix Ferreira publicaram um livro, *Polyanthea*, que é um pedestal erguido em justa homenagem ao bello sexo.

Todos os pensadores, poetas, artistas, litteratos, philosophos, concorreram para essa obra que ficará como attestado do grande acontecimento.

Eu não venho fazer a critica deste livro, que é um album valioso de sentenças esculpidas no mais bello estylo; mas que a leitora se não deslumbre como Margarida, diante d'esse brilhante collar de perolas ao ponto de se deixar seduzir pelas promessas de conquista que transparecem ás vezes em algumas paginas da *Polyanthea*. E' natural amar o incenso; mas é prudente desconfiar do incensador. Este livro, em definitiva, é escripto por homens. Deixar-vos portanto de reivindicaciones, bellas leitoras, a melhor conquista que podeis fazer é a conquista do homem. Prendei-o pelo affecto, captivar-se pela vossa graça deve ser-vos tão facil! e o vosso quinhão será o melhor e o mais bello,

Eu fallei-vos, da vez passada, de tentativa contra o *Guarany*, com o tenor Clodio.

Foi uma tentativa mallograda.

A empreza prometteu emendar-se, e com effeito deu-nos bella opera de Carlos Gomes, desempenhando o tenor Tamagno o sympathico papel de Pery.

Mas, estava escripto, parece, as representações deviam, este anno, correr todas mal, e quando não foi o tenor, foi o baixo que se encarregou de executar o pouco a contento das plateias. Mesmo a Sra. Borghi-Mano, apezar de ter dado uma interpretação nova ao suave papel, ou talvez mesmo por isso não correspondeu aos caprichos da plateia.

Digo capricho, porque a mim, me pareceu ella, o canto á parte, a melhor a mais correcta Cecy, casta, pura, innocente conforme a imaginou José de Alencar e que os libretistas tanto perverteram. Era-lhe impossivel interpretando o libretto ser fielmente a Cecy do nosso primeiro romancista; mas approximou-se muito do seu typo de candidez immaculada.

A citar mais alguns dos interpretes do *Guarany*, citaria apenas o Sr. Battistini. Porque todos os outros fizeram menos do que se esperava.

Os côros, a encenação, tudo de despedida.

Em geral todos estes espectaculos da segunda série tem deix o má impressão.

Apenas o *Mephistophles* foi cantado quinta-feira com o mesmo brilho que nas primeiras vezes.

Foi uma compensação do desempenho dos *Huguenotes*. A representação do *Mephistophes* em beneficio do Sr. Castelmary resentio-se d'essa duração.

Foi uma injustiça com quem tanto fez.

Entre os fieis que foram ouvir a bella opera de Boito, distinguiam-se:

A bella baroneza de A... vestido claro, corpinho de veludo preto, decotado, sem mangas enfeitado de bellas rendas pretas. Dois collares de sequins, um no collo, outro no penteado d'uma correção apuradissima, davam uma graça adoravel a essa toilette.

A muito sympathica Sra. M. R... riquissimo vestido de setim *gris-argent*, corpinho de morim antigo, guarnecido de rendas de prata, combinando-se n'uma suavidade de tons adoravel.

Para não sahir do lyrico.

A representação de *Guilherme Tell*, esse canto do cysne de Pezzaro, com que expira a segunda série, foi uma das mas bellas.

Comprehende-se, era a despedida todos queriam guardar as ultimas notas dos rouxinóis do Sr. Ferrari.

Não foi precisamente um successo a representação de *Guilherme Tell*.

Pelo contrario! Os artistas cantaram e representaram a famosa opera como quem se despede, como quem faz as malas para a viagem.

Apenas o Sr. Tamagno não tinha arrumado a sua voz. Elles proprios, por um acto de modestia aliás louvavel, preferiram cortar o final do quarto acto a cantar

Vittoria! Vittoria!

como mandam a partitura e o libretto. E essa frieza da scena communicou-se á sala, de modo que tivemos um espectaculo bem pouco alegre de despedida.

De resto, assim devia ser. As scenas de separação devem ser sempre tristes.

A concorrência entretanto era brilhante. A sala rebrára, n'essa noite, todo o seu brilho das primeiras noites do periodo lyrico. Uma verdadeira renascença das elegantes.

Era una compensação.

Um pouco ao acaso, pude distinguir:

A elegante Sra. B... de setim côr de lilaz, enfeitado de rendas de prata; e um lindo bouquet ornando-lhe o regaço. A suave Sra. A. C. A..., de setim côr de rosa desmaiada, d'um côrte encantadoramente traidor.

A joven graciosa Sra. P..., de setim azul celeste guarnecido de rendas brancas.

N'um camarote de segunda ostentavam-se tres bellezas que despontam—as jovens Sras. E. S. de setim azul claro disputando-se o premio de Paris, como as tres deusas do monte Ida.

E quantas, quantas ainda, que vão accusar-me de falta de memoria, quando é apenas a falta de espaço que nos tolhe o prazer de citá-las todas.

E foi-se o lyrico...

Consolemo-nos ao menos por esta semana, indo á festa do theatro Lucinda, em beneficio da encantadora artista que lhe deu o nome.